

RETÓRICA DA IRONIA: REPRESENTAÇÕES DA CRUELDADE NO CONTO BRASILEIRO

*Rosilda Alves Bezerra**

Ironia e crueldade são dois aspectos constantes nos contos de Machado de Assis e Monteiro Lobato. Apesar das produções literárias desses autores se situarem em períodos distanciados, o estilo irônico e por muitas vezes cruel, se revezam na dinâmica dessas narrativas.

Destacamos algumas manifestações do preconceito e da crueldade no conto brasileiro, iniciando com o período do Realismo na literatura de Machado de Assis. O conto “Pai contra mãe”, publicado em 1905, trata principalmente do tema da escravidão e transcorre no Rio de Janeiro, no tempo do Império. Machado de Assis acreditava que no Brasil haveria a abolição da escravatura, mas a estrutura da sociedade não mudaria porque não era verdade que o Brasil progredia em relação a uma sociedade igualitária.

A ironia e a crueldade em “Pai contra mãe” é evidente, o que faz da narrativa em terceira pessoa um elemento importante para que o autor se distancie do que narra e com isso consegue manter o leitor também afastado. Percebemos esse estilo principalmente nos primeiros parágrafos do conto. Para Gledson (1998, p. 53), “quem ler o primeiro parágrafo desse conto verá que Machado de Assis se desforra de um tema que ele nunca tinha sido capaz de abordar como merecia”. Talvez o desabafo do crítico seja principalmente pelo excesso de descrição e frieza com que nos é apresentado as primeiras referências da história. Dessa forma, com estilo sombrio e objetivo, o narrador descreve detalhes da escravidão com maestria, como nos exemplos do ferro ao pescoço e a da máscara de folha-de-flandres, usados pelos escravos insubordinados, que em seguida traz uma explicação pelo uso da máscara: “Tinha só três buracos, dois para ver, um para respirar, e era fechada atrás da cabeça por um cadeado”. O fato dos escravos usarem as máscaras serviam para cessar o vício de beber, segundo a narração. É assim que acentua a crueldade, pois com tal atitude ficavam dois pecados extintos: a sobriedade e a honestidade certas.

No entanto o narrador conclui que “a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel”. A descrição excessiva das máscaras e o local onde poderiam ser encontradas encerram o parágrafo com outra ironia: “Mas não cuidemos de máscaras”. Ou seja, o narrador dispõe de várias passagens sobre a utilidade cruel dessas máscaras e conclui o pensamento com a advertência de não desenvolver um assunto que não é considerado relevante.

Adiante, a narrativa se desenvolve com o objeto “ferro ao pescoço”, outro elemento de tortura usado contra os escravos. A característica “coleira grossa, com a haste grossa também, à direita ou à esquerda, até ao alto da cabeça e fechada atrás com chave”, significava mais um sinal do que um castigo. A ironia se concretiza com a idéia de que o dono do escravo não cometia nenhum ato perverso, quando ordenava que fosse imposta a coleira, mas seria uma espécie de aviso para quem tentasse fugir. Esse procedimento nos faz entender que todas essas descrições estão permeadas por ironias, que gradativamente abre espaços para outras ironias.

Comentar sobre escravos a meio século, e suas constantes fugas sintetizam a ironia pura: “Eram muitos, e nem todos gostavam da escravidão”. É importante perceber como se processa tal passagem, uma vez que é impossível, sob essas condições, gostar de ser escravo. Dessa forma,

* Professora da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB.

temos outra constatação: “Sucedia ocasionalmente apanharem pancadas, e nem todos gostavam de apanhar pancadas”. Mais uma vez o teor sarcástico vem à tona, pois fica o pressuposto de que alguns gostavam de ser castigados. O texto se complementa quando o narrador acrescenta: “O sentimento da propriedade moderava a ação, porque dinheiro também dói”. Ou seja, os proprietários não podiam castigar seus escravos da forma como desejava porque podiam perder o investimento em suas compras, uma vez que esse escravo não resistiria aos ferimentos.

Outro momento crucial da ironia nesse conto é quando se dá um afastamento central com a idéia principal defendida no texto. Assim, quando se comenta em capturar escravos fugitivos imprime a caracterização de não ser um ofício nobre. No entanto, acrescenta ironicamente que “não seria nobre, mas por ser instrumento da força com que se mantém a lei e a propriedade, trazia esta outra nobreza implícita das ações reivindicadoras”. Todas essas descrições nos levam à figura de Cândido Neves, que tem por ofício caçar negros fugitivos.

O espaço em que ocorrem os fatos é permeado de extremos de miséria, sujeira, vielas escuras, mas também revela o aspecto de ostentação e ganância por parte dos senhores de escravos. Assim, caçar negros para Candinho significava o seu sustento, pouco importando o destino que o escravo teria após a sua devolução. A forma como Candinho se informava sobre escravos fugitivos se dava através dos anúncios de jornais, que a partir da década de 1880 trazia nas suas páginas expressões e costumes da época, e principalmente anúncios sobre escravos fugitivos e alugados. Como nos diz Lilia Schwarcz (1987, p. 134),

Até inícios da década de 1880, grande parte dos anúncios que ocupavam os periódicos da época referiam-se a escravos. O cativo aparecia então vinculado a todo tipo de transação econômica: compra, venda, aluguel, leilão, seguro, fugas, testamentos, alienação, empréstimos, hipotecas, penhora, doação, transmissão, depósito e usufruto.

“Pai contra mãe” foi publicado em 1905, embora o conto esteja situado numa época em que era comum a captura de escravos, nele não existe nenhuma referência à aprovação da Lei de Ventre Livre que, apesar de todas as suas limitações, era a primeira legislação substancial contra a escravidão, desde o fim do tráfico em 1850. A ironia, nesse sentido, acentua o fato de que Machado de Assis não acreditava na bondade humana inata, pois não alimentava ilusões quanto à capacidade dos outros sentirem piedade das pessoas menos favorecidas. O mal está presente em “Pai contra mãe”, e é dessa forma que Bosi (2003, p. 120) pensa o sistema escravocrata contido no conto: Em “O caso da vara” e “Pai contra mãe”, o mal se causa nas juntas do sistema escravocrata do Império brasileiro: nasce e cresce dentro de uma estrutura de opressão”. Ou seja, o enredo não tem como ser diferente em um universo de ambições e exclusões.

Cândido Neves, também é um excluído, que segue seu ofício de prender outros excluídos, mas que estão para ele, numa categoria bem mais inferiorizada. O paradoxo existente é que o caçador de escravos casa-se com Clara, uma moça sonhadora. Entretanto, o afeto do casal permite sonhar em possuir um filho. Essa decisão não é bem recebida por Mônica, tia de Clara, que lembra aos dois sobre a miséria em que estão submetidos, além de Candinho não ter nenhum emprego fixo. No entanto, Candinho esclarece que sua profissão de pegar escravos fugitivos tem um certo valor, e pode render a família um bom lucro. Com isso, Clara engravida e o que era difícil para os três torna-se insuportável com a chegada da criança. Tia Mônica dá a idéia de deixar a criança para adoção à “Roda dos Enjeitados”, idéia essa que causa o horror e o desespero do casal, principalmente do pai. Para Bosi (2003, p. 120-121),

“O caso da vara” e “Pai contra mãe” dão testemunho tanto da vilania dos protagonistas quanto da lógica que rege os seus atos. As ‘tendências da alma’ e os ‘cálculos da Vida’ somam-se na luta pela autoconservação. Ambos têm em comum uma situação do homem juridicamente livre, mas pobre e dependente, que está um degrau, mas só um degrau, acima do escravo. A essa condição ainda lhe resta usar do escravo, não diretamente, pois não pode comprá-lo, mas por vias transversas, entregando-o à fúria do senhor, delatando-o desdobra-se em duas frentes: ele não é só o dono do cativo, é também dono do pobre livre na medida em que o reduz a polícia do escravo.

Os negros que eram fáceis de capturar já não vinham como antes, e os caçadores eram muitos para o pouco trabalho que tinha. Dessa forma, Candinho encontra na suas notas de escravos fugidos o anúncio sobre Arminda, uma mulata cujo dono oferece a quantia de cem mil-réis de recompensa. Está decretado: a liberdade de seu filho recém-nascido, que está a um passo de ser colocado à “Roda dos Enjeitados”, depende apenas da captura da escrava.

Cândido Neves não tem escrúpulos em prender a escrava, pois em sua consciência está claro, que a sua atitude é digna, afinal é a vida de seu filho que está em jogo. A mulata, ao ser capturada, suplica por liberdade sem sucesso: “Quem passava à porta de uma loja, compreendia o que era e naturalmente não acudia”. Na tentativa vã de se libertar, Arminda apela ao seu algoz que a deixe em paz, pois estava grávida e seu senhor com certeza a castigaria, levando-a a perder a criança. Infelizmente, nenhum desses argumentos foi suficiente para convencê-lo a libertá-la. Da mesma forma, ele responde que Arminda engravidara porque quisera, agora teria que arcar pelas conseqüências. A ironia reaparece com a idéia de que Candinho também engravidara sua esposa sem ter condições financeiras de sustentar uma criança. Mas, o fato de ser “superior” na exclusão em relação à Arminda, faz com que se sinta no direito de censurá-la. Para Nabuco (1999, p. 177):

A escravidão não consente, em parte alguma, classes operárias propriamente ditas, nem é compatível com o regime do salário e a dignidade pessoal de artífice. Este mesmo, para não ficar debaixo do estigma social que ela imprime nos seus trabalhadores, procura assinalar o intervalo que o separa do escravo, e imbui-se assim de um sentimento de superioridade, que é apenas baixeza de alma, em quem saiu da condição servil, ou esteve nela por seus pais.

Cândido Neves é pobre, mas não quer qualquer emprego. A função de caçar escravos apenas é uma forma de impor a sua ilusória “superioridade” branca. O seu desejo é apenas livrar seu filho de um futuro incerto. Arminda já está na condição subumana, mas resiste o quanto pode, pois a sua obstinação também é poder salvar o filho. Os maus tratos e o medo excessivo de Arminda quando é entregue de volta ao seu dono não permitiram que lutasse contra as adversidades: “No chão, onde jazia, levada do medo e da dor e após algum tempo de luta a escrava abortou”. Como o único ofício de Cândido Neves era o de capturar escravos fugidos, a captura de Arminda se concretizou em realização positiva para ele, que julgou a situação de perda da escrava, com o seguinte desabafo: “Nem todas as crianças vingam”. Nabuco (1999, p. 28), nos diz:

o escravo, feto ainda, estremece nas contorções da mãe sob o chicote. Forma-se de um sangue corrompido. Quando se sente bater o pulso do feto viável, sente-se também os horríveis tratos da pobre negra. Nessa situação tão grave, tão séria, tão cheia de cuidados, ela não merece nem mais respeito, nem mais descanso. São duas vidas que o feitor compromete.

O ceticismo quanto à natureza humana é evidente nesse desfecho. O pior do humano é representado através de personagens inescrupulosas com valores invertidos, a injustiça social e a total descrença na liberdade. A narração faz o leitor a solidarizar-se com a família de Candinho, pois ninguém quer ver o filho separado dos pais. No entanto, a personagem Arminda somente entra em cena basicamente no final da narrativa. Ou seja, ao nosso ver o narrador distancia o leitor de Arminda, pelo excesso de argumentos que fora anteriormente justificado em favor de Cândido Neves. Assim, fica o impasse para o leitor desavisado, pois são dois dramas paralelos: desejar que Candinho capture a escrava para livrar o filho da adoção, e penalizar-se pelos negros que não conseguem sua liberdade e que foram de uma certa forma devolvidos a escravidão. Essa visão trágica pode ser conferida no texto de Barreto Filho (1982, p. 356):

consolo metafísico para um mal metafísico, tal era a função que Machado de Assis atribuía expressamente à arte. A crítica tem insistido com acerto nessa concepção, que resulta das afirmações freqüentes do escritor, sempre que se refere ao problema. A arte é sempre definida nesses termos, e a função do trágico e do cômico que se encontra na sua obra mostra que ele conhecia e procurava usar das duas possibilidades complementares que a arte oferece para acalmar o espírito.

A batalha que se travou foi a de luta entre um pai que desejava mais do que sua própria vida resgatar o seu filho de uma possível ‘Roda dos Enjeitados’ e de uma mãe escrava que não conseguiu nem salvar a si mesma, impossível para o filho que ainda trazia no ventre. A diferença seria o fato de Arminda representar a escrava fugida e Candinho, o perseguidor de escravos. Conforme argumenta Bosi (1999, p. 123):

o bem-estar de uns parece fundar-se na desgraça de outros. O acesso aos bens vitais e econômicos, por baixo que seja em termos quantitativos (afinal, Candinho é pobre) exige a espoliação do outro. (...) O pobre se é livre, faz retornar aos ferros o escravo que, fugindo para a liberdade, concorreria com ele no páreo dos interesses. O antagonismo não se fixa apenas nos extremos; há uma guerra de todos contra todos, que percorre os elos de ponta a ponta: aqui a vemos comunicar-se do penúltimo ao último.

A crueldade é estabelecida entre os dois, uma vez que as vítimas têm as suas próprias vítimas. Não existem vencedores, e sim o pensamento egoísta de prioridades sem se dá conta do que pode acontecer com o outro. A criança de Cândido Neves vingou, sem envolver-se com a tragédia recebe os cem mil-réis e conserva o filho. O filho de Arminda não teve a mesma sorte, ou seria a felicidade de não nascer? Buscamos essa compreensão por meio da argumentação de Nabuco (1999, p. 28-29):

Nem o egoísmo do senhor contenta-se com ver que ela vai reproduzir-se na criança, e que aquela propriedade é de então em diante permanente. Fustigam-na, incitam-na, esquecidos em sua barbaria de que as dores da mãe interessam a viabilidade do feto e que o senhor pode achar um cadáver no reconhecimento do parto. Nada os detém e a essa dureza deve se atribuir grande parte desses abortos que o senhor explica pela ação dos venenos. No dia do nascimento há apenas mais um nome no rol dos escravos, e se há alegria é na casa do proprietário da criança.

Talvez a eliminação do feto pelo narrador se dá, principalmente, para poupar o filho da vida de escravidão que o aguardava. A criança começa a ter trabalhos suaves na senzala para que o conhecimento de si não lhe chegue antes dos hábitos servis. Aprende cedo que é inferior, que não é igual aos filhos dos senhores. É um mundo de miséria sem perspectivas e sem alento. No entanto, alguém tinha que perder. Ou será que houve vencedores nessa irônica batalha por uma vida miserável?

Negrinha: ironia e crueldade

No ano de 1920, Monteiro Lobato publica “Negrinha”, um conto com teor escravagista, que não nega a ironia do autor e sua descrição da crueldade em relação à protagonista. O período considerado como Pré-Modernismo concretizou-se não propriamente numa “escola literária”, mas uniu escritores que de modo similar apresentavam em suas obras aspectos e denúncia da realidade brasileira; o Brasil não-oficial do sertão nordestino, dos caboclos interioranos; do Regionalismo e os tipos humanos marginalizados, percebido principalmente em **Negrinha**.

O preconceito racial e a situação dos negros após a abolição é o principal tema abordado nesse conto. As personagens são gordas senhoras que, num falso gesto de bondade, “adotavam” meninas negras para escravizá-las em trabalhos caseiros. Nesse período, os escravos, recém-libertados, viviam à margem da sociedade; os imigrantes chegavam em razoável quantidade para substituir a mão-de-obra escrava. O aumento da riqueza do país, especialmente numa economia baseada na exportação de café, não impediu que várias tensões sociais eclodissem em focos diversos. É nesse contexto social que está a obra de Monteiro Lobato, que se empenhou no interesse pelos problemas sociais, não só das grandes cidades como também os das localidades interioranas.

A ironia está em parceria com a crueldade, que de algum modo une-se também a ironia sátira, que é um dos tipos de ironia. A própria forma de designar a menina órfã de quatro anos, que nasceu na senzala e de mãe escrava, é de menosprezo. Desde o princípio, Negrinha vivera pelos cantos escuros da cozinha, vivendo sobre “velha esteira e trapos imundos”. A antiga senhora de escravos, Inácia, não suportava o choro de crianças e, no entanto, não poupava a tortura física e psicológica pelas qual Negrinha constantemente passava. Os adjetivos, que denominavam a “Santa Inácia”, como “Excelente Senhora, a patroa”, “Ótima, a Dona Inácia”, “virtuosa dama” se contrapõe as reais atitudes que essa exercia em relação à Negrinha. Não permitia que a órfã brincasse, obrigando-a permanecer imobilizada no canto, horas a fio.

A ironia nesse texto é um recurso de construção do sentido, porque o desacordo entre o que se diz e o que dizer chama a atenção do leitor para a oposição entre o que Inácia é e a imagem que os outros têm dela. Como nos diz o narrador,

A excelente dona Inácia era mestra na arte de judiar de crianças. Vinha da escravidão, fora senhora de escravos – e daquelas ferozes, amigas de ouvir cantar o bolo e estalar o bacalhau. Nunca se afizera ao regime novo – essa indecência de negro igual ao branco e qualquer coisinha: a polícia! “Qualquer coisinha”: uma mucama assada ao forno porque se engraçou dela o senhor: uma novena de relho porque disse: “Como é ruim, a sinhá!...”.

A imagem que os outros têm de Inácia é a de uma “excelente senhora. Gorda, rica, dona do mundo, amimada dos padres, com lugar certo na igreja e camarote de luxo reservado no céu. (...) ‘Dama das grandes virtudes apostólicas, esteio da religião e da moral’, dizia o reverendo”. Dessa forma, Inácia não é o que parece, assim como o que se diz não é o que se quer dizer. O narrador mostra, no conto, um conflito entre o que dona Inácia era e a opinião que dela tinham pessoas como o vigário. Era uma mulher que aliviava seus frenesis castigando Negrinha, que conservava em sua casa justamente para esse fim. Ao mesmo tempo o vigário considerava-a uma senhora cristã virtuosa e temente a Deus. Ou seja, a imagem que Inácia fazia questão de exercer era a da mulher cristã que estava fazendo um grande favor à sociedade: criando uma pobre órfã, filha de Cezária, sua antiga escrava. Para Nabuco (1999, p. 30),

O trato da senzala, o domínio despótico dos filhos do senhor, da mesma idade, ensinam por primeira intuição à criança que ela não é livre, que não é igual aos outros, que tem de obedecer: desde então ela obedece. Nela estão todos os germes da perversidade futura. Assim como o feto atravessa para chegar a seu último estado todas as formas da animalidade, assim como a natureza quis que no desenvolvimento intra-uterino a matéria afetasse todas as aparências da escala animal progressiva para mostrar que no mais perfeito está o menos, assim a criança, nesse embrião do homem, pela alma, que então se desenha no seu período instintivo fazendo um crepúsculo dentro do menino, na criança escrava estão todos os germes da futura perversidade.

A crueldade pela qual Negrinha é submetida vem desde os apelidos, pois nunca ouvira uma palavra de carinho, até os castigos físicos, que eram considerados pela senhora, “remédio para os frenesis e inocente derivativo”. Negrinha tem a imagem completamente aniquilada, ou como enfatiza Luiza Lobo (1993, p.242), “a questão da auto-imagem denegrada é mais gritante no Brasil, principalmente pela proximidade maior da escravidão, muito pouco revista ainda”. É dessa forma, que ironicamente o narrador elenca os apelidos com os quais Negrinha era constantemente “mimoseada”:

Pestinha, diabinho, coruja, barata descascada, bruxa, pata choca, pinto gorado, mosca morta, sujeira, bisca trapo, cachorrinha, coisa ruim, lixo – não tinha conta o número de apelidos com que a mimoseavam. Tempo houve em que foi bubônica. A epidemia andava na berra, como a grande novidade, e Negrinha viu-se logo apelidada assim – por sinal que achou linda a palavra. Perceberam-no e suprimiram-na da lista. Estava escrito que não teria um gostinho só na vida – nem esse de personalizar a peste.

Além dos apelidos, a dor física também é aplicada à Negrinha. No entanto, Inácia se queixava porque não podia mais aplicar a lei com severidade como fazia no tempo da escravidão. Assim, tinha que se acostumar apenas com aquilo que o narrador denominava “judiarias miúdas, os níqueis da crueldade”:

Cocres: mão fechada com raiva e nós de dedos que cantam no coco do paciente. Puxões de orelha: o torcido, de despegar a concha (bom! Bom! Bom! Gostoso de dar!) e o a duas mãos, o sacudido. A gama inteira de beliscões: do miudinho com a ponta da unha, à torcida do umbigo, equivalente o puxão de orelha. A esfregadela: roda de tapas cascudos, pontapés e safanões à uma – divertidíssimo! A vara de marmelo, flexível, cortante: para “doer fino” nada melhor.

Ao finalizar a quantidade de castigos que ainda podiam ser executados, o narrador conclui: “Era pouco, mas antes disso do que nada”. O castigo do ovo quente também se concretizou em outro “derivativo” no qual Negrinha foi submetida. A empregada da casa retirou de seu prato um pedaço de carne, que a criança estava guardando para comer no final. Por causa disso, não teve dúvidas e a chamou de peste. Naturalmente, a empregada se queixou a Inácia, que estava “necessitadíssima de derivativos”. A tortura pior se deu com o ovo quente. Dona Inácia pôs o ovo em água quente, quando chegou ao ponto, ordenou que Negrinha abrisse a boca, colocando o ovo na boca da menina: “E antes que o urro de dor saísse, suas mãos amordaçaram-na até que o ovo arrefecesse. Negrinha urrou surdamente, pelo nariz. Esperneou. Mas só. Nem os vizinho chegaram a perceber aquilo”. Depois desse episódio a senhora recebe o vigário e se queixa do trabalho que tem com a órfã, com o seguinte desabafo: “Não se pode ser boa nessa vida”. No que o vigário responde: “A caridade é a mais bela das virtudes cristãs, minha senhora”. Dona Inácia, resignada: “Sim, mas cansa”. O vigário reitera: “quem dá aos pobres empresta a Deus”. Dona Inácia conclui: “Inda é o que vale”.

Esse conflito revela que dona Inácia não era aquilo que os outros pensavam dela. Para evidenciar isso, o narrador vai pontuando seu texto com antífrases: “Virtuosa dama”; “Qualquer coisinha”; “Inocente derivativo”. Da forma como o narrador a apresenta, essas expressões devem ser entendidas como ironia, ou seja, o contrário do que está dito. O que se quer dizer é que dona Inácia é péssima, ao invés de excelente, pois não pode ser boa uma pessoa que tortura crianças: “Dona Inácia era mestra na arte de judiar de crianças”. A expressão: “Qualquer coisinha” significa ato violento e cruel, pois ela própria tem uma opinião muito favorável de seus atos. Assar a mucama ao forno, por exemplo, e uma novena de relho era uma coisinha. O “inocente derivativo” era o ato de crueldade: “Ai! Como alivia a gente uma boa roda de cocres bem fincados!...”.

Construir um conceito que busque denominar a prática da crueldade no ser humano é perceber essa figuração negativa do homem que o faz investir na maldade. Quando esse procedimento vem acompanhado da ironia pura, classificada assim por Paiva (1961), entendemos o que ocorre em **Negrinha**. No texto zomba-se dizendo o contrário do que se quer dar a entender, pois denuncia a falsa seriedade em nome de uma seriedade superior, a da razão, do bom senso, da moral, o que coloca o ironista bem acima daquilo que ele denuncia ou critica. É dessa forma que o narrador usa a estranha forma de discurso em que diz algo que, na verdade, não quer dizer, e espera que o outro entenda não apenas o que ele quis dizer de verdade, como também sua atitude com relação a isso. Ou seja, agir de modo amoral e cruel, como é o caso de Dona Inácia, ao mesmo tempo em que passa para os outros que não a conhece profundamente, a imagem de uma

senhora virtuosa, revela o outro lado que é propriamente a sua personalidade verdadeira. E é justamente por isso que temos a ironia ligada ao aspecto da irrisão.

O que acontece nesse tipo de ironia é a dissociação entre duas realidades, havendo um contraste entre a forma interior do pensamento e a sua tradução pela palavra. Essa dissociação atinge um ponto extremo quando o ermo deixa de ser a expressão direta do pensamento e passa a significar o seu contrário. Esse tipo de ironia retira do interlocutor a atitude de passividade e o obriga a acompanhar o pensamento do ironista, para perceber o que está oculta na informação. Assim, em **Negrinha**, o narrador realiza o papel do ironista, sempre trazendo à tona o que é verdadeiro e o que está na entrelinhas. Os maus tratos e o sofrimento que são comuns na vida da menina, passa a ter uma outra constatação nos olhos de dona Inácia e de quem não conhece sua verdadeira personalidade.

Naturalmente não era de se esperar que séculos de escravidão se apagassem de uma hora para outra. Nesse sentido, a crueldade não se realiza apenas nos suplícios da escravidão, pois a ousadia de Monteiro Lobato em destacar o drama de uma criança que sucumbe na miséria genuína, é reconhecer que põe em discussão os maus tratos de Negrinha e a benevolência de Inácia, quando diz que não se pode ser ba nessa vida. Lembramos que a senhora diz essa frase, logo após o episódio do ovo quente.

Relativizar a crueldade na literatura, fez-nos perceber que Monteiro Lobato não pretendia falsear o mundo real para as crianças. A realidade cruel de Negrinha, o preconceito racial existente em outros textos **História de tia Nastácia**, **Reinações de Narizinho**, “xingamento como expressão explícita de racismo” imprime a idéia que Lajolo (1999, p. 77) já evidenciou em seu estudo, **Negros e negras em Monteiro Lobato**:

Em outra clave, mas no mesmo acorde, funciona a dramática denúncia do narrador lobatiano do racismo do qual negrinha é vítima, constituindo o conjunto destas representações do negro na obra adulta de Lobato contraponto eficiente do paternalismo afetuoso – embora, como se viu, rompendo em **Histórias de Tia Nastácia** – que pontua a relação dos moradores do sítio para com tia Nastácia.

O escritor não se entrega a avaliações morais, mas reconhece que apenas o indivíduo de posição social privilegiada possa transgredir as leis da liberdade sem se devidamente penalizado. Esse pensamento, geralmente, se concretiza em outras gerações, que percebem determinadas atitudes de Inácia, como sendo normais para a ocasião. É o que ocorre com as sobrinhas de Inácia, que passam férias na casa da tia, e com isso Negrinha percebe que é possível existir alguma felicidade para uma criança, e as sobrinhas são a prova viva disso. Porém, “a dura lição da desigualdade humana” não permitia que isso ocorresse. Nem no universo infantil, livre da crueldade do mundo adulto, Negrinha pôde ser feliz: “Morreu na esteirinha rota, abandonada de todos, como um gato se dono”. Na visão de Nilma Lacerda (1998, p. 112),

em seu único contato com a face alegre da infância, Negrinha tem acesso a um mundo que lhe dá a própria consciência da vida. Partindo as sobrinhas de Inácia que vieram em férias, e com elas o cavalinho, a boneca, as brincadeiras no jardim, Negrinha se recusa a viver. Morre em meio a um delírio, numa ciranda de tudo o que foi belo, proibido e fugaz em sua vida.

No entanto, a autora esquece de mencionar que em nenhum momento negrinha teve plena felicidade. O texto que se oculta durante o conto, vem à luz com a imagem que fica na memória das meninas ricas. Imagem essa que não é a de uma criança sofrida que necessitava de cuidados, mas uma cômica: “—Lembras-te daquela bobinha da titia, que nunca vira boneca? Outra de saudade, no nó dos dedos de dona Inácia. – Como era boa para um cocre!..”.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Machado de. **Contos**: uma antologia. Seleção, introdução e notas John Gledson. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. vol. 2.
- BARRETO FILHO. Machado: o espírito da tragédia. In: BOSI, Alfredo et al. **Machado de Assis**. Coleção Escritores Brasileiro: Antologia e Estudos. São Paulo: Ática, 1982.
- BEZERRA, Rosilda Alves. A ironia: breves considerações. In: **A ironia infausta**. Tese de Doutorado em Literatura Brasileira. João Pessoa: UFPB, 2003.
- BOSI, Alfredo. **O enigma do olhar**. São Paulo: Ática, 2003.
- GLEDSON, John. Os contos de Machado de Assis: o manchete e o violoncelo. In: ASSIS, Machado de. **Machado de Assis - Contos**: uma antologia. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. vol 1.
- LACERDA, Nilma Gonçalves. A superfície do mal em Monteiro Lobato. In: BERNARDO, Gustavo (org.). **Literatura e sistema culturais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.
- LOBATO, Monteiro. **Negrinha**. São Paulo: Brasiliense, 1968.
- LOBO, Luiza. Corpo negro: a auto-imagem agredida. In: **Crítica sem juízo**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.
- LAJOLO, Marisa. Negros e negras em Monteiro Lobato. In: **Lendo e escrevendo Lobato**.
- LOPES, Eliane; GOUVÊA, Maria Cristina (orgs.). Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- NABUCO, Joaquim. **O abolicionismo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- NABUCO, Joaquim. **A escravidão**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- PAIVA, Maria Helena de Novais. **Contribuições para uma estilística da ironia**. Centro de Estudos Filológicos: Lisboa: Calouste Gulbekian, 1961.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Retrato em branco e preto**: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

